

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

# Espaço aberto à comunidade

O Colégio de Aplicação democratiza o acesso à escola, através de um novo sistema de seleção. A diretora da Faculdade de Educação avalia o processo pedagógico da escola e a crise da universidade.

Ele carrega, há quase 20 anos, a fama de ser a melhor escola pública do Estado de Goiás. Situada no Campus II da Universidade Federal desde 1980, e com uma estrutura física que lhe permite efetivar as suas próprias retóricas de política educacional, o Colégio de Aplicação direciona suas atividades em torno de uma definição que faça justiça ao seu nome. Vinculado à Faculdade de Educação, através do Departamento de Estudos Aplicados à Educação, o Colégio prima em ser um campo de experiências não só para a faculdade a que está diretamente ligado, mas também para todas as unidades da Universidade.

Oferecendo o ensino de primeiro e segundo graus, com o permanente objetivo em torná-lo de boa qualidade, o Colégio de Aplicação sente a dimensão de "colégio-laboratório", enquanto um centro de formação de professores para todas as unidades que ministram cursos em licenciatura. Esta dimensão ganha maiores proporções, visto que a escola está aberta, enquanto um campo de estágio, ou experiência, para todo e qualquer elemento do corpo discente ou docente da Universidade, e busca ainda um maior estreitamento na integração com a comunidade em que está inserido.

### UM PEQUENO VESTIBULAR

As formas de acesso ao ensino do Colégio sempre foram um dos aspectos problemáticos que, com constantes mudanças, sempre causaram variações no nível sócio-econômico de seus alunos e conseqüentemente nos planos pedagógicos.

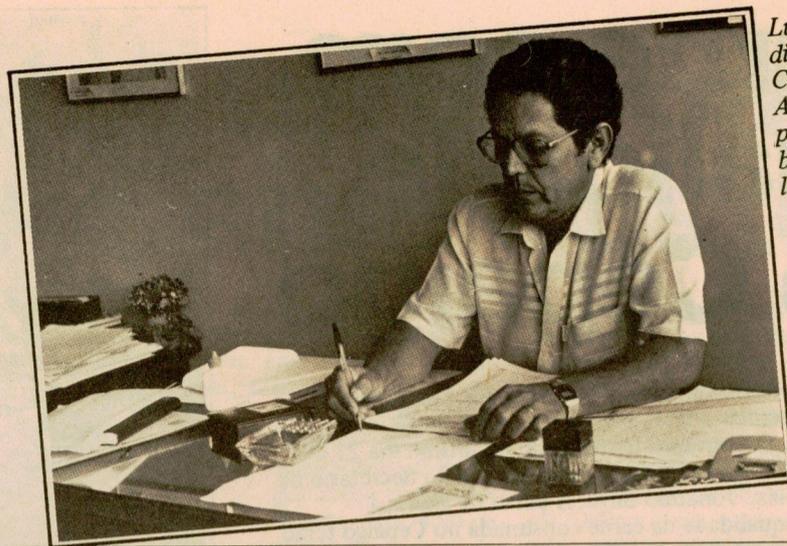
Entre 1968, o ano em que foi criado, e 1974, um aluno, para conseguir vaga no Colégio de Aplicação, passava por uma série de exames, uma espécie de vestibular, que sempre trazia como saldo uma rigorosa seleção econômica no seu corpo discente. Em 74, houve uma tentativa de realização de um sistema para o preenchimento de vagas que consistia na distribuição por regionalização. Cada bairro de Goiânia teria um determinado número de vagas, que obedeceria a uma série de fatores, como, por exemplo, o tamanho da população estudantil. A idéia não foi pra frente, e assim com o objetivo de iniciar um processo de democratização do acesso à escola, foi implantado, em 1976, o sistema de sorteio, que funcionava de forma bem semelhante ao que está sendo utilizado atualmente.

### MÉTODOS DE SELEÇÃO

Conseguir uma vaga no Colégio de Aplicação através dos sorteios, era quase o mesmo que ganhar na loteria e, diante disso, houve, em 1982, um grande movimento e mobilização dos funcionários da UFG, que conseguiram ter prioridade no preenchimento das vagas do Colégio. De 1982 até o ano passado, o C.A. passou a ser um reduto estudantil para os filhos de professores e técnicos administrativos da Universidade. Não é nada normal e coerente uma escola ser pública, mantida sob



O Colégio de Aplicação, no Campus II da UFG: espaço experimental para a universidade



Luiz Macedo, diretor do Colégio de Aplicação: pedagogia baseada na liberdade

recursos públicos e não atender à comunidade.

Esta incoerência não era sentida somente aqui em Goiás, mas também em várias outras instituições federais de ensino no país, e diante disto, o T.C.U. – Tribunal de Contas da União denunciou ao Ministério da Educação, em novembro passado, a UFG e outras 15 universidades brasileiras por este método de seleção. Após as acusações do T.C.U., a resolução de acesso ao Colégio de Aplicação foi novamente reformulada no último dia oito de janeiro, trazendo de volta o sistema de sorteio, aberto a toda a comunidade. "É a democratização do ensino", diz a diretora da Faculdade de Educação, Marlene de Oliveira Lobo Faleiro, apesar de que, neste ano, o Colégio pôde oferecer apenas 78 vagas para mais de 1.100 inscritos.

### PEDAGOGIA E LIBERDADE

Com um quadro de 60 professores que atendem diariamente a 770 alunos, a política de ensino do Colégio de Aplicação lembra os discursos e as teorias de Pau-

lo Freire e outros pedagogos modernos. "Estamos num processo pedagógico em que se propõe a total liberdade", revela Luiz Macedo, completando que este processo está sendo dirigido tanto pelo corpo discente quanto pelo docente. "A escola tem feito muitas experiências neste sentido", acrescenta o diretor ao falar das sistematizações de avaliação e produção do ensino. Além das aulas normais, o Colégio trabalha com as coordenações de classe, que proporcionam um encontro semanal entre alunos e professores, um Conselho de Classe e, ainda, uma coordenação de áreas ou disciplinas. "Tudo é livre", garante Macedo, ao expor que pode ser realizado um Conselho de Classe onde os professores não queiram a participação dos alunos, como também pode acontecer um encontro da Coordenação de Classe, em que os estudantes não permitam a participação de nenhum elemento do corpo docente.

### DIFÍCIL QUALIFICAÇÃO

Entre os atuais problemas enfrenta-

dos pelo Colégio de Aplicação, em consequência da crise na instituição chamada universidade brasileira, o de maior importância se refere à política de qualificação do corpo docente, que vem sendo amplamente dificultada pela não permissão de novas contratações. "Não temos condições de liberar os professores para os estudos de especialização", lamenta Luiz Macedo, explicando que se houver a liberação de algum professor para os cursos de mestrado ou doutorado, o Colégio não tem possibilidade de substituí-lo.

"Não podemos contratar, mas temos que qualificar", argumenta Marlene Faleiro, lamentando que a única saída para o problema é a sobrecarga de trabalho para alguns professores. "Isto é o reflexo da universidade, que está em crise e desvalorizada", denuncia Marlene, contando ainda que "a universidade está numa camisa de força". "A universidade, como o Colégio de Aplicação, não se resume em apenas dar aulas. É a pesquisa que subsidia o ensino", ela alerta e conclui.